

Grotesco ~ UM gótico Épico

por GE Graven



Capítulo XIII



Foz da Montanha ~ Abril de 1351

~Do lado de fora da foz da montanha, as colinas luminosas da região de Auvergne estendiam-se sob uma cortina

Sob um céu estrelado, o vento oeste soprava quente, forte e constante. Como fantasmas sem rumo, redemoinhos de poeira subiam e desciam sobre o terreno irregular. O horizonte leste cintilava, relâmpagos cada vez mais brilhantes dentro da tempestade que se aproximava. O céu trovejava, trovões distantes se misturando como rufos intermináveis de tambores. A frente da tempestade era imensa; era um cobertor eletrificado, abraçando a curvatura da Terra, engolindo o céu. A tempestade que se aproximava era uma supercélula giratória, comprimida à perfeição sob raras pressões climáticas; daí – um monstro celeste densamente moldado.

Os ventos mudaram de direção, soprando com força, frio e vindo do leste. Raios brilhantes e ramificados se espalharam pelo céu, as gigantescas veias azuis de um nobre rei das tempestades. Nuvens agitadas brilhavam. Um verde sinistro enquanto a frente avançava com seus ventos cortantes, colunas tortas e cegantes e explosões ensurdecedoras. De repente, os céus se abriram, derramando torrentes de chuva como imponentes paredes de vidro. Torrentes de água desciam furiosamente pelas encostas, inundando as muitas áreas.

Vales cobertos por uma fúria que talvez só Noé pudesse conhecer. Rochas de gelo despencavam, estilhaçando-se sobre pedregulhos, enquanto poças d'água se agitavam sob uma chuva incessante de granizo.

Na extremidade sul do vale das pedras, no topo de uma crista rochosa e contra o pano de fundo de um relâmpago brilhante, erguia-se a silhueta de um cavaleiro enorme, com quarenta e cinco palmos de altura. Revestido por uma armadura negra como piche, o Gigante Empunhava uma longa espada que, da ponta ao cabo, era mais comprida que a altura de um homem. E num golpe amplo, que talvez parecesse cortar as nuvens, o Gigante ergueu sua lâmina aos céus, bradando numa voz profunda e estranha, sincronizada, como se muitos gigantes falassem ao mesmo tempo: *“Mors ad vitam—Eljo! Venha!”* Num clarão violeta, um relâmpago atingiu a espada e a silhueta explodiu no nada. Contudo, o caos da tempestade continuou: os ventos aumentaram e o granizo caiu enquanto a chuva chicoteava de um lado para o outro.

Onde antes se erguia a silhueta, um ciclone sinuoso e retorcido desceu dos céus, inflou-se num pesadelo de ébano e vagou para o norte pela parede posterior da tempestade. Ao todo, a escuridão rodopiante elevava-se a quase cinco quilômetros de altura, ocupando pelo menos quatrocentos metros de terreno. Aparentando ser o Dedo de Deus, o pilar traçava uma linha polida sobre a terra e, como antenas de insetos gordos inspecionando o solo, raios jorravam, chicoteavam e expeliam da Por completo, a coluna lenta se agitava e se contorcia, arrastando-se como um velho vagabundo apoiado em uma bengala.

A chuva caía de lado. Ventos fortes uivavam enquanto o Gigante giratório avançava pesadamente em direção à Boca da Montanha. Rochas rolavam pela crista. A coluna se ergueu sobre o cume da colina e fincou seu pé denso no vale, arando de cabeça para o ventre da montanha que, em seu interior, continha uma estátua deitada, manchada de guano, que apertava contra o peito uma bolsa de pele de cabra gasta — os restos pétreos de um Grotesco — um Eljo petrificado — condenado à luz do sol. Em sua expressão, a boca estava escancarada num grito congelado e seus olhos mortos fitavam o teto da gruta, coberto por um mar agitado de morcegos trêmulos. Ao seu redor, seu manto esfarrapado e manchado chicoteava e estalava ao vento subterrâneo como um estandarte de guerra.

Desde sua morte, Eljo jazia aprisionado em um lugar talvez bastante peculiar, melhor caracterizado como a região do 'Vazio'. O Vazio era um limbo eternamente vazio para criaturas não humanas — para aqueles seres vivos indignos de uma experiência divina. Era para onde iam os morcegos, os pássaros e as abelhas quando partiam. O Vazio era um sótão empoeirado da Criação, repleto das memórias dos menos afortunados da Vida. Era possivelmente o mais alto

Vazio da Eternidade, merecedor da mosca esmagada, do peixe pescado na rede ou do cordeiro abatido. Em suma, o *Reino do Vazio* era como uma vida após a morte para criaturas aparentemente condenadas a um nada eterno por falta de alma. Era somente este Reino que os Eljo herdaram.

Contudo, com ventos de velocidade imensurável e ferocidade terminal, o tornado atingiu a encosta e Mountain Mouth rugiu, completamente assaltada por uma parede abrasiva de areia giratória, pedras e pedaços de árvores. Detritos explodiram contra sua face, desgastando suas feições e alisando-a. Acima e no alto do céu, milhões de regiões carregadas se inflamaram dentro das nuvens contorcidas, conectando-se e se agrupando para gerar milhares de ramificações brilhantes e descendentes, enquanto também convergiam como vários raios espessos adjacentes. Estes também se combinaram para formar uma única coluna colossal que, possivelmente, absorveu toda a força dos céus.

BOOM! Como uma lança enfurecida de Deus, o jato brilhante atingiu a terra e fendeu o cume da Boca da Montanha, destruindo seu topo com uma intensidade capaz de penetrar a montanha e violar suas profundezas. Dentro da caverna, seções do teto se desprenderam. Um oceano de morcegos caiu do teto desmoronado e pedras e poeira choveram sobre a estátua de Eljo, enterrando suas pernas e cobrindo a bolsa de couro que repousava sobre seu peito. Agitada por ventos uivantes, a gruta interna se dissolveu em uma massa fervente enquanto, do lado de fora, o vórtice monstruoso arrastava quase um terço dos morcegos para fora de seu refúgio cavernoso e os engolia, esmagando-os no *Reino do Vazio*.

O redemoinho afastou-se pesadamente da Boca da Montanha, apenas para erguer seu pé gordo para fora do vale e ascender aos céus negros de onde viera. Por fim, os ventos Partiram e as chuvas escassas diminuíram para uma mera garoa sobre as poças cheias. E com o caos terminado, os morcegos sobreviventes retornaram ao teto e a gruta ficou imóvel como a Morte, exceto pelos ecos ocasionais de cliques e risinhos das teimosas pedras do teto que cederam suas posições elevadas para o chão da caverna, onde jazia a estátua do Grotesco gritando.

Contudo, naquele silêncio sepulcral, e do canto de uma bolsa de couro surrada que continha vários itens, incluindo pedaços quebrados de um frasco outrora lacrado, um fluido marrom escorreu, pingando uma fina linha pelos restos de uma túnica esfarrapada. O sangue vital consagrado encharcou os fios, umedecendo as nervuras de granito da estátua, e no Momentos antes, ecos crepitantes romperam o silêncio escuro — ruídos muito parecidos com estalos. Pedras em um leito de brasas incandescentes. E onde o sangue foi derramado, fissuras fragmentaram a forma lisa da estátua, irradiando para fora.

Fissuras ainda mais finas percorriam a superfície do granito, conectando-se e se acumulando como minúsculos raios negros, envolvendo todas as suas extremidades. Contudo, os estalos cessaram; a quietude retornou, deixando a face pétrea de um Eljo como um quebra-cabeça de pedras, talvez uma soma incontável de peças conectadas de forma irregular.

BOOM! A estátua explodiu numa chuva de estilhaços de granito que se espalharam pela caverna. A mochila voou — levada rapidamente pelo vento — e, no centro da nuvem de poeira que se dissipava, pedaços de carne nua se agitavam sobre um monte de detritos arenosos.

"*Pai-ão*", gemeu o Eljo, sua voz fraca e rouca sibilando como a de um homem fatigado, há muito vencido pela desidratação. Ele se virou, vomitando torrões de areia úmida.

Para ela, talvez uma nuvem de vespas picadoras empalidecesse em contraste com a agonia presente e aparentemente avassaladora e, dominada por tremores febris, ela se encolheu em uma bola de carne. Seus suspiros e gemidos ecoaram — gritos de dor — morrendo ao contrário.

Na dormência da cura — naquele arrastar aparentemente infinito do tempo — o rugido maldito em seus ouvidos se rendeu a um som mais suave e doce: a ressonância reconfortante de uma chuva constante. Assim, com as dores da ressurreição diminuindo até se tornarem apenas uma leve ardência, e com seus sentidos Parcialmente devolvida, a Eljo avançava desajeitadamente pelo chão repleto de detritos, abrindo um estreito caminho à frente enquanto se arrastava em árduo progresso, cada vez mais perto da entrada da caverna — atraída pelo irresistível fascínio da água fresca em lábios rachados e ressecados.

Sem a caverna, erguendo-se alta e desafiadora em meio a uma paisagem devastada e castigada, a Boca da Montanha sobreviveu à tempestade com apenas o topo arrancado. Sua face marcada e dilacerada contemplava o mesmo vale de pedras, agora submerso pelas águas turbulentas de um rio caudaloso e furioso. Uma figura nua emergiu das profundezas de sua caverna, boca escancarada. Com a musculatura de um homem adulto — massa definida envolvendo uma estrutura relativamente grande — rastejou para fora, deslizou para dentro de uma poça e permaneceu imóvel. Em sua forma intacta, talvez o corpo se assemelhasse mais a uma versão alada do antigo frade, Ivan.

Lázaro sobreviveu.

~*~

E assim aconteceu que, nos dias que se seguiram à sua ressurreição, Lázaro se curou, sua mente clareou, suas forças retornaram e ele se dedicou às tarefas mais comuns.

da existência. Acomodando-se à sua nudez e às suas agora maiores dimensões, Lázaro conseguiu costurar uma tanga com os restos de roupa que jaziam enterrados em seu saco de provisões, agora protegidos das intempéries.

Talvez por sorte para Lázaro, ele logo descobriu que voar não era uma tarefa mais difícil do que antes, considerando tudo relativo — seu tamanho maior era compensado por sua maior envergadura. Impulsionado inevitavelmente pela fome, ele se aventurava para fora da caverna à noite, retornando com peixes frescos pescados em um lago situado entre a encosta posterior da Boca da Montanha e uma colina adjacente.

Mais uma vez dentro da gruta, um anel de rochas que não via fogo há várias estações, agora circundava chamas crepitantes regulares que ofereciam a fumaça de peixe assado, enquanto projetavam longas sombras dançantes sob um teto de centenas de olhos negros e brilhantes. À primeira vista, exceto pela estatura maior de Lázaro e pelo clima mais ameno da primavera, talvez os acontecimentos atuais em Boca da Montanha pudessem parecer como se nada tivesse mudado desde o encontro fatal de Lázaro com o sol.

Os dias se transformavam em semanas enquanto os morcegos seguiam sua rotina, saindo em enxames da gruta ao entardecer apenas para retornar ao poleiro, de barriga cheia, antes do amanhecer. E Lázaro partia e retornava com os morcegos, mas também se aventurava sozinho para planar sobre terras noturnas luminosas, sempre atento aos primeiros raios do sol maldito, para que não o pegassem muito longe da Boca da Montanha.

Nesse tempo, sua dieta tornou-se mais variada, assim como suas habilidades na caça aérea. Toupeiras, lebres e até mesmo uma raposa ocasional, ele levava de volta para Mountain Mouth. Além disso, dos muitos livros que memorizara desde então — um volume de um scriptorium que seu frade insistia que ficasse firmemente gravado em sua mente — ele colhia muitos frutos de suas caças: carnes defumadas e secas, peles curtidas que ele costurava para fazer calças, sapatos de couro e um colete aberto nas costas, e até mesmo instrumentos rudimentares esculpido em ossos afiados.

Ao empregar essas diversas técnicas, cujos métodos Ivan há muito lhe eram mentalmente acessíveis, Lázaro compreendeu a verdadeira magnitude de O amor eterno de um pai . A cruz de madeira gasta que adornava seu pescoço, tão frequentemente beijada, talvez servisse tanto como instrumento para lembrar-se do pai quanto para reforçar sua fé. E talvez fosse o último fio tangível que unia a trama de seu antigo mundo previsível à de um mundo selvagem e aparentemente ilimitado.

Maio de 1351

A noite ainda era jovem. O crepúsculo havia caído há apenas uma hora quando Lázaro se encostou na rocha, bem na entrada da caverna, ofegante e suando enquanto olhava para o javali adulto que trouxera de sua última caçada. A presa fora a maior e mais rápida que já abatera, e com razão. Ele beijou sua cruz e arrastou a carcaça para dentro da caverna, passando pelos ossos espalhados do porco que ele havia abatido há muito tempo. Mataram. Também retornando da caçada, um bando de morcegos guinchando mergulhou na Boca da Montanha, iluminados por Lázaro, e voou para o fundo da caverna. Lázaro se virou e gritou para eles com um sorriso irônico: "Mas o meu é maior!" Ele ergueu o javali no ombro e cambaleou atrás deles, gemendo, mas sorrindo, equilibrando-se e agitando as asas para lá e para cá.

Em pouco tempo, uma longa fogueira projetou sombras oscilantes sobre a gruta, iluminando os restos eriçados do javali. Ele jazia encostado a uma parede de pedra, com a parte traseira cortada e um osso da perna limpo e tiras de pele a alguma distância da cabeça.

Mais perto do centro da caverna, Lázaro estava sentado em uma pedra, com um bife de porco fumegante a seus pés. A carne chiava sobre uma rocha plana e quente que servia como uma superfície lisa para cozinhar, e o aroma de porco frito preenchia a caverna.

“Você não virá comigo. Você não tem condições de fazer a viagem. Mas espero que se lembre de mim, mesmo assim”, exclamou Lázaro, sorrindo enquanto assava vários pedaços de carne em um espeto que mantinha suspenso sobre as chamas crepitantes. “Tenho uma promessa a cumprir e a cumprirei. Partirei de verdade amanhã. Vocês verão”, disse ele, lançando um olhar para o teto da gruta e informando aos morcegos — centenas de olhos negros e brilhantes que o observavam. Com a mão livre, Lázaro pegou uma faca de osso talhada ao seu lado, espetou o bife de porco e o virou para que crepitasse novamente. Em seguida, retirou o espeto de porco do fogo e, de uma pilha de pequenas peles macias e curtidas, colocou três delas a seus pés.

“Eles precisam estar bem cozidos e secos”, murmurou ele, retirando os pedaços de carne de porco cozida e colocando-os sobre as peles. Lázaro retomou sua conversa com os morcegos; “Vou para muito longe!” Ele enrolou a carne de porco defumada nas peles e na gordura, amarrando os pacotes, “Através de um grande mar — para a terra da Itália. Buscarei Frei Salvitino e Voltarei com ele à Abadia para fechar o Portão de Pedra. E quando ele o fechar, então pedirei ao Abade Vonig para me tornar um frade, porque agora sou adulto. E ele poderá me nomear frade das catacumbas, pois sei tudo sobre elas — assim como meu pai.”

Lázaro levantou-se com a carne embrulhada e caminhou até sua túnica de pele de cabra com tiras de couro.

A sacola, aninhada entre duas bolsas cheias de água. Ele empilhou os papéis fumegantes dentro dela — provisões adicionais que poderia levar consigo na viagem. “E Miguel E Thateus pode me ajudar com as tochas. E não permitirei que Frei Clódio entre nas catacumbas — jamais.” Ele deu uma risadinha, fechando a sacola e voltando para a fogueira.

Assim que retornou ao seu lugar, com uma estocada da rústica faca de osso, retirou o bife de porco da pedra, rindo baixinho: “É um banquete digno do faminto *Frei Lázaro*.” Virou a carne apetitosa lentamente à luz do fogo e, notando a perfeição dourada, soprou o vapor.

Mas uma grande gota de guano caiu do teto e espirrou sobre o bife, lavando-o. O sorriso dele sumiu. Vários outros se espalharam ao seu redor. Morcegos voavam sobre sua cabeça. “Não”, ele gemeu. Levantou-se e implorou ao teto: “Por quê?” Então o ar repentinamente esfriou — o suficiente para que ele visse sua respiração embaçar; e um aroma nauseantemente doce invadiu tudo. Cheiro de carne assada. Os olhos brilhantes de um milhão de morcegos reluziam à luz da fogueira, todos eles o observando atentamente. Os estalos e chiados da madeira queimando soavam estranhamente abafados no ar que se adensava; e as chamas pareciam encolher e se enrolar sobre si mesmas como as pétalas de uma flor, desabrochando apressadamente ao contrário.

“Será que renascemos?” Uma voz antinatural, harmoniosa e sobreposta — o questionamento em tom perfeitamente sincronizado de várias mulheres ao mesmo tempo — sussurrou quase imperceptivelmente por trás dele. Ele precisou ponderar se a ouvira pelos ouvidos ou em sua mente.

Lázaro girou; seu fôlego lhe escapou como uma alma dilacerada quando Lucifael, a um braço de distância, completamente nua e com um leve sorriso que revelava, entre lábios carmesins, as pontas grossas de presas caninas. Sob seus cabelos selvagens, um par de olhos totalmente negros refletia a imagem invertida do fogo da caverna, com chamas invertidas dançando para baixo em tons azulados. Além disso, com unhas de ébano e aréolas escarlates contrastando com a pele de marfim, e com enormes asas de carne e osso em camadas estendendo-se acima e atrás dela, Lucifael talvez pudesse zombar da Pureza apenas com sua presença.

Lucifael deu um tapa em Lázaro, arremessando-o contra a caverna, fechou as asas com um estalo e marchou atrás dele. Lázaro cambaleou para trás e se levantou com dificuldade. Ele contra-atacou com as asas abertas, sibilando, mas recuando ao mesmo tempo. Ela parou, cruzou os braços, erguendo os seios para ele e inclinando a cabeça como um cão curioso; examinou-o com um sorriso satisfeito.

Ela falou suavemente: “Você cresceu bem. No entanto, no final, eu me lembrava de você como uma rocha.”

estátua—um menino Eljo tolo, morto pelo sol enquanto arrastava um porco morto. Igualzinho àquele.” Ela apontou para uma carcaça ossuda do outro lado da caverna.

“Mas aqui está você, vivo novamente — e com aquele *brilho* inconfundível sobre você, nada menos.”

Você não nasceu com isso. Como conseguiu? É recente. Você não o tinha quando conversamos pela última vez.” Ela estreitou os olhos, reduzindo-os a fendas negras; “Agora me pergunto : será o destino um mistério para isso? Ou será essa ressurreição incomum um presságio divino?” Ela examinou os destroços no chão da caverna e encontrou os fragmentos de granito que outrora aprisionaram Lázaro em pedra. “Hum”, murmurou ela.

"Eu não orei nem te invoquei" , cuspiu Lázaro, dando um passo para trás e recolhendo as asas.

“De certa forma, sim, você conseguiu — no momento em que desafiou a morte. Lázaro, nada escapa à minha atenção, especialmente algo tão grave quanto a ressurreição.” Ela notou a pequena cruz de madeira pendurada no colar de Lázaro e fez uma careta. “Por que você usa esse galho sem vida e sem raízes em volta do pescoço?”

Lázaro apertou a cruz entre os dedos: “É uma cruz de oração, a imagem da minha fé; era a cruz do meu pai.”

Ela inclinou a cabeça, como se fosse considerar a alegação dele, mas caiu tomada por uma risada maliciosa. “Um Eljo temente a Deus adornado com a imagem esculpida de um sacerdote?” Ela deu uma risadinha. “Imagine só, dentre todas as perversidades do mundo.”

"Por que vieste?", perguntou Lázaro.

Ela jogou as mãos para trás e aproximou-se dele, chutando displicentemente pequenas pedras para o lado. com unhas dos pés pintadas de preto. Lázaro permaneceu firme. “Não porque você pudesse me invocar ou me desculpar por capricho. E o fato de você não ter me visto antes não significa que eu não estivesse sempre presente; eu estava nos porcos.”

“Nos porcos?”

“Quando você olhou nos olhos do porco, eu estava olhando para você.” Ela parou diante dele, continuando: “Veja, querido, antes de você morrer, eu lhe enviei o porco porque queria confirmar em pedra que uma condição tão simples quanto a fome poderia levá-lo a comprometer seus valores. Sim, eu o coloquei à prova — e ele o venceu. Na verdade, aconteceu que matar o porco lhe custou a própria vida. Imagine só.” Lucifael sorriu amplamente, com as presas à mostra. “Lembre-se do seu ensinamento, Lázaro: Não matarás? Mesmo assim, você matou — você comprometeu seus valores — e por quê, senão para encher a barriga?” Ela apontou para a última presa dele, caída ao lado da parede da caverna; “E agora você mata outra.” Ela ergueu a sobancelha. “Talvez você valorize seus valores apenas quando eles lhe são úteis, não é?”

“O porco não passava de um animal. Deus não pretendia que Seus mandamentos se aplicassem aos animais da terra, mas apenas aos homens”, informou Lázaro a ela.

“Ah”, ela respondeu, como se estivesse aprendendo com ele. “Então, se eu te matar agora, eu quebraria tal coisa?”

regra?"

"Não matarás — sim, você mataria."

"Entendo", ela assentiu com uma sobrancelha arqueada e lábios franzidos, "E me diga, Eljo, do que você se lembra depois de morrer? Você se lembra de ter visto o Céu ou o Inferno — qualquer coisa, mesmo?" Lázaro desviou o olhar, admitindo: "Eu... eu não me lembro."

Ela sorriu com desdém. "Então isso só poderia revelar uma verdade simples. Por mais dolorosa que seja, a verdade é que você não é um homem, Lázaro. Diferentemente de seu pai, você é um Eljo — uma mera besta da terra como os porcos que você matou. Como tal, você não tem alma — não tem vida após a morte. Agora me responda: de que adianta sua fé se você não colhe nada dela no final?"

Ele endireitou os ombros. "Não questionarei minha fé, meu Senhor ou Sua vontade divina."

"Bem, é claro que não", ela retrucou, "já que essas ideias se alastram no âmago da questão." sua existência, servindo pateticamente como a base para tudo o mais que você aprendeu desde então. E não podemos esperar que você considere conceitos novos, porém amargos, que você possa teimosamente negar, mesmo que apresentados de forma razoável, não é mesmo?"

Ela se virou e começou a andar de um lado para o outro na caverna, estudando o chão, ainda pergando: "Porque se você fizesse isso, talvez fosse forçado a reconsiderar esse seu fundamento. E fazer isso poderia exigir a subsequente reconsideração do restante de suas percepções mundanas, para que elas se realinhassem mais de perto com verdades mundanas talvez duras. E não podemos sofrer as dores disso, podemos?"

Ela chutou uma pedrinha e lançou-lhe um olhar furtivo. "Doloroso demais — reconsiderar os próprios alicerces; perturbador demais — sacudir aquelas lajes supostamente sólidas apenas para descobrir as muitas falhas fundamentais nelas contidas — apenas para descobrir que a própria casa foi construída sobre areias movediças." Então ela se virou e aproximou-se dele, com os olhos faiscando. Lázaro recuou. "Contudo, não me apresentei a você com a intenção de discutir assuntos que você se recusa a conhecer, meu caro Eljo."

Então ela parou, inclinou-se em direção ao rosto dele e sussurrou: "Estou aqui para descobrir o que você sabe. Você é o único dos meus filhos Eljo que já renasceu — o único que já carregou o Brilho do Trono consigo. Contudo, em pedra, você não poderia ressuscitar a si mesmo, nem lançar o Brilho sobre a sua própria cabeça. Além disso, é improvável que tal acontecimento tenha ocorrido por mero acaso. Agora, quero que me diga quem o trouxe de volta." Lucifael estimulou seus pensamentos: "Relembre tudo para sua querida mãe, Lázaro. Quem o ressuscitou? Foi um homem santo ou um místico?" Ela inclinou a cabeça e examinou o rosto dele, buscando pistas escondidas sob o oceano de seus olhos azuis.

Lázaro desviou o olhar. "Lembro-me apenas de um sono sem sonhos — uma escuridão densa." Uma dor aguda percorreu seu cérebro. Ele estremeceu, agarrou as laterais da cabeça e recuou ainda mais enquanto Lucifael o encarava com olhar penetrante, penetrando em suas lembranças.

"Mostre-me a sua mente", murmurou Lucifael, avançando em perseguição graciosa. "Quem te ressuscitou, Eljo?" Sua cabeça latejava enquanto ela penetrava cada vez mais fundo em sua mente. Contudo, a parede da caverna bloqueava qualquer recuo. Ela continuou a torturante extração mental, a mente dele fervilhando com o brilho crescente de cada sensação relembada — como se a memória de sua vida fosse apenas um livro de páginas folheadas de forma completa, porém apressada. Ela o sondou: "Quem te fez carne novamente? Quem lançou o Brilho sobre ti? Outro anjo, talvez? O próprio trono? Responda-me!"

"Não me lembro!" Lázaro exclamou, ofegante. "Não me lembro mesmo!" A dor cessou, sua visão clareou e, diante dele, Lucifael surgiu em foco, agora exibindo um sorriso satisfeito. "Ah! Você guarda muitos segredos. Sim, agora eu acredito em você", respondeu ela, afastando-se imediatamente, talvez lhe dando apenas um instante para recuperar os sentidos. "Não se preocupe; não lhe causarei mais dor, meu querido. Foi melhor assim — que eu entendesse seus pensamentos. E, agora que os conheço, podemos recomeçar — como mãe e filho."

Agora, já que você tem sede de conhecimento e ouvidos para ouvi-lo, posso revelar-lhe os segredos de tudo o que você sempre desejou saber — e muito mais. Imagine a beleza suprema disso: Compreensão Onisciente." Ela olhou por cima do ombro, além das asas, exibindo um sorriso travesso e radiante; "Você gostaria disso, meu filho — de ter essa sua curiosidade ardente finalmente saciada?"

Talvez para Lázaro, o olhar pagão e a perfeição nua dela parecessem nauseantes — a totalidade de sua presença despertando uma impecabilidade agridoce e doentia dentro dele — despertando apenas o pecado. Corado e completamente envergonhado, ele desviou o olhar. "Não por você. Você é a personificação do mal."

"E as imagens esculpidas não são presumivelmente malignas, como esse ícone que você carrega no pescoço?", perguntou ela inocentemente, aludindo a um dos Mandamentos de Deus.

Lázaro apertou com força sua cruz de oração. "É uma cruz, que simboliza Jesus, o Filho de Deus, que deu a sua vida nela pelos nossos pecados. Não é uma imagem esculpida."

"Ora, Lázaro." Ela balançou a cabeça, visivelmente desapontada com ele. "Você acha que este Jesus foi o único homem a morrer na cruz? Ou que esse tipo de execução não existia antes dele? Diga-me, se o queimassem vivo, você usaria uma estaca em chamas? Ou, se o enforcassem, você penduraria uma corda com nós no pescoço?" Ela ergueu a sobrancelha. "E como você se adornaria com a imagem de Jesus?"

"E a tua fé, se em vez disso o afogassem?"

Ela chutou a poeira do chão da caverna; "Não, querida, seu ícone não passa de uma imagem esculpida de um instrumento de execução peculiar usado para matar homens. Desde então, recolhi muitas almas perversas de homens que morreram neles."

"No entanto, nunca Jesus. E Deus permite que você reúna as almas dos ímpios, visto que você mesmo é ímpio."

Ela o olhou com desdém. "Permite-me?" Ela estreitou o olhar, em tom de aviso: "Imagino que você tenha sangue meu suficiente correndo em suas veias para saber que não deve despertar minha ira, Lázaro."

"Ainda assim, eu só digo a verdade."

"Ah, sim — uma besta tomada pela fé que afirma falar apenas a verdade", zombou ela dele.

Ela caminhava de um lado para o outro, de braços cruzados, perdida em pensamentos. "Então me responda, Lázaro: se eu protegesse o seu Jesus, poupando-lhe a vida ao matar os seus juízes antes que tivessem a chance de condená-lo, seria isso um ato de maldade?"

Lázaro se referia ao mandamento de Deus : "Não matarás. Matar até mesmo o ímpio é maldade."

"Hum. E se eu varresse completamente o Mal da face da Terra matando todos os homens, seria isso um ato maligno? Livrar-se do Mal é, em si, um ato maligno?"

Seria um ato maligno — e o mal continuaria existindo. É obra sua; o mal existe! E o mundo Não é sua; é criação de Deus. Ele jamais permitiria que você a matasse, pois Ele é um Deus misericordioso e justo."

Lucifael saltou com as asas abertas, posicionando-se bem na frente dele. "Nunca permita"

"Eu?" Ela conduziu Lázaro ainda mais para dentro da gruta, berrando para ele: "O homem é meu!"

"O mundo me pertence!" Lázaro pressionou-se contra a parede da caverna. "Agora, controle sua língua, Eljo!" Para Lázaro, num instante que pareceu eterno, seus olhos se encontraram: negros contra azuis.

Finalmente, ele respondeu com voz obediente: "Então não posso mais lhe responder, pois sua ira não me permite falar livremente." Lucifael bufou e saiu correndo para o centro da gruta. Lázaro encostou-se na parede. "Muito bem, então", respondeu ela, voltando-se para... Eu lhe disse: "Como um Eljo meu, permitirei que você expresse sua opinião. No entanto, considere o seu lugar comigo antes de abrir essa sua língua."

"Então direi o que penso", concluiu Lázaro.

Ela caminhava de um lado para o outro no centro da caverna, com o olhar fixo nele. "Então a Terra não me pertence, como você supõe? E seu Deus não me permite — como você afirma?" Ela parou, encarou-o e

Ela cruzou os braços, exibindo com orgulho os grandes olhos vermelhos em seu peito. Sorriu: "Enquanto você estava morto, Lázaro, eu matei metade do mundo. Aconteceu que dois homens estavam arando a terra; matei um deles. Duas mulheres se curvavam, moendo grãos; matei uma delas. Duas crianças brincavam, cavando a terra; matei uma delas. Agora eu lhe pergunto: onde estava o seu Deus misericordioso então? Onde, senão diante de você agora como o verdadeiro governante deste mundo?"

“Se você falar a verdade, Deus o responsabilizará por tal maldade.”

“Eu? Prestado contas?” Lucifael aproximou-se dele, retrucando: “E quem será responsabilizado?” Em conta um mal muito maior — por lançar um grande dilúvio sobre a terra e matar quase todas as feras — por esmagar cada árvore e arbusto com oceanos tão profundos quanto as nuvens suspensas — por despejar mares insondáveis na garganta de cada criança na terra, nascidas e não nascidas? Oh, sim! Lembro-me do dia exato em que o mundo gritou como um só, e com paixão coletiva suficiente para obrigar até os céus a silenciarem e a ouvirem com pavor.”

E eis que, com tantas árvores morrendo ao mesmo tempo, ouvi até mesmo seus lamentos combinados, juntos como um único zumbido sufocante, florestas inteiras uivando, suas copas estalando sob seus pés. mares salgados e furiosos. E, também, naquele dia salobro e sem profundidade, percebi até mesmo o sufocamento de todas as suas sementes, embebidas em salmoura, de tal forma que a voz de seus frutos se uniu em um único grito terreno; apenas ele, alto o suficiente para abafar até mesmo coros de anjos gritando. Ora, Lázaro, quem será responsabilizado por tamanha maldade, senão o teu Deus misericordioso?

“O homem se afastou de Deus. No fundo, Deus não queria inundar a Terra. O homem trouxe sobre si o Grande Dilúvio”, pregou Lázaro. “Contudo, depois disso, o homem prometeu retornar aos caminhos de Deus e, justamente, Deus prometeu que não haveria mais dilúvios.”

Lucifael aproximou-se dele e, com longas unhas negras, retirou pedras soltas do chão. Ela sussurrou contra a parede da caverna: "E os justos prometem nunca mais repetir seus atos justos?" Ela o encarou com um sorriso malicioso. "Diga-me, para que o lançamento deste dilúvio não seja um ato injusto, por que a promessa? Seu Deus é realmente tão justo e benevolente quanto você deseja? Em toda a sua vida, em todas aquelas incontáveis orações, quando foi que seu Deus sequer respondeu, Lázaro? E por que seu Deus nunca lhe mostrou a face como eu faço agora?"

Lázaro achatou as orelhas e afastou-se dela, respondendo: “Minha fé no Senhor Todo-Poderoso e em Deus é inabalável e não questionarei seus caminhos. Você fala mal.”

Só porque isso é tudo o que você sabe — isso é tudo o que você pode fazer. Contudo, sua língua perversa não me desviará do meu Deus nem da verdade.”

“Tentação?” Ela caminhou até o centro da caverna e respondeu, sua voz ecoando pelos corredores mais profundos da gruta. “Lázaro, alguém que possui conhecimento e visão desejaria que a luz fosse lançada sobre seus feitos para que todos vissem?”

“Pelo que entendi, não.”

“E Lázaro, alguma mãe, tendo conhecimento e visão, deixaria seus filhos para sempre mudos e cegos?”

“Não.”

“E pode a Verdade, caro Lázaro, ter mais de uma face?”

“A verdade é a verdade”, afirmou Lázaro.

Ela se virou para ele e jogou as mãos para trás. “Você respondeu bem. Agora, eu lhe pergunto : Há muito tempo, naquelas florestas exuberantes do Éden, quem ordenou ao Homem que não participasse do fruto do conhecimento e da visão, que seus olhos permaneceram para sempre fechados para a Verdade? E à luz de todas as suas gerações verem, quem tentou o Homem a tal fruto, que seus olhos se abriram para a Verdade?” Então ela o repreendeu em voz alta: “Eu te pergunto, Lázaro, quem encobre a Verdade?” Sua mãe que o tenta; seu Deus que o tenta; ou seu eu cego, que obstinadamente se recusa a enxergar, para que você não seja forçado a questionar o próprio fundamento da sua fé?”

Lázaro defendeu o Senhor: “Deus não tenta. Você é quem tenta!”

“Mas quem atira um cadáver aos lobos, ordenando-lhes que não o comam? O tentador o faz! E quem criou tal fruto, ordenando ao Homem que não o comesse?”

O tentador fez isso!

“Você não vai—”

“Não vai?” Ela o interrompeu. “Não vai dar a um tolo o conhecimento e a visão para enxergar a ignorância de suas próprias alegações infundadas? Ah, mas darei, quando presenciar algo tão repreensível.” obscurecimento diante de mim. Mesmo quando lhe é mostrada, você ainda rejeita a verdade. Se você não fosse Meu Eljo—se eu fosse apenas um homem—eu já o teria matado por tamanha insolência em minha presença. Mesmo assim, permitirei que viva porque, ao contrário do que você alega, sou capaz de mais do que meros atos malignos— atos bons e misericordiosos, inclusive.”

Lázaro considerou a alegação dela e a rebateu: “Mas eu já estou vivo. Se você me permitir viver, então tal ato não é bom nem misericordioso. É meramente um ato, desprovido de maldade.”

Lúcifer respondeu prontamente: “No entanto, você afirma que eu só posso falar e fazer o mal. Como posso, Sendo somente mau, pode o teu Deus praticar um ato onde o mal está ausente? E mais ainda, diga-me Lázaro, pode o teu Deus praticar um ato sem o bem?”

Lázaro cruzou os braços e não disse nada.

“Eu não te deixei mudo e cego; responda.”

Ele permaneceu em silêncio.

Ela bufou, estalou as unhas negras numa pedra no chão da caverna e a lançou para fora.

Estalo! Lázaro apanhou-a a poucos centímetros do rosto. Viu-a acenar com a cabeça e sorrir, com a sobrancelha arqueada, talvez impressionada com a sua rapidez. “É um presente da tua mãe”, exclamou ela. Lázaro virou-a para descobrir a sua nova forma: uma grande e lustrosa gema púrpura transparente, a brilhar à luz da fogueira. Olhou para a pedra, cativado pelo seu esplendor cintilante.

“Agora, minha querida, o que esta pedra de oração lhe diz? Por meio dela, como você poderá avaliar minhas intenções? Meu ato foi bom ou mau?”

Lázaro ergueu o olhar. “Não é tão simples. A pedra nada diz. Contudo, se desejasses que a pedra me atingisse, o ato seria maligno. E se desejasses me dar—”

Ele se conteve e ficou em silêncio.

Lucifael deu uma risadinha e caminhou em direção a ele. “Sim, termine, Lázaro. Se eu quisesse lhe dar um presente, seria um ato de bondade.” Ela ergueu as mãos com um sorriso.

“Bem, aí está; um belo presente de sua mãe.” Lázaro examinou o objeto antes de estreitar os olhos para ela.

Ela se aproximou dele, examinando visivelmente a joia em sua mão com igual entusiasmo.

“É um tom que eu particularmente adoro. Você gosta da cor?”

“Nunca vi uma pedra como esta.”

“Imaginei que você gostaria de tal presente — ele vem de uma caverna secreta que nenhum mortal descobriu desde então. Existem muitas outras pedras de oração maravilhosas como esta — e em todas as cores que você possa imaginar. Lázaro, posso lhe revelar a localização dessa caverna intocada, se desejar. E com a sua descoberta, toda a riqueza de todos os reinos da Terra estaria a seus pés — todos esses cristais de oração podem ser seus, Lázaro. Você os deseja?”

Lázaro contemplou o belo cristal púrpura. Era completamente transparente, com seis lados lisos que convergiam para pontas afiadas em extremidades opostas da pedra. Ele lançou um olhar fulminante para Lucifael.

“Por que me oferecerias isso, para não me tentares ao mal?”

Lucifael bufou e se afastou. Voltou a andar de um lado para o outro, elaborando a proposta: “

Ofereço-te isto em troca de um simples pedido: que roles uma pedra e abras uma caverna. Não há maldade alguma em tal ato. Abra esta caverna e todas as suas gemas serão tuas.”

“Se realmente desejasses dar-me estas pedras, não terias feito mais do que uma delas.”

aparecer quando você poderia ter feito todos aparecerem. E já que você me pede para abrir esta caverna quando você é o Diabo e poderia abri-la você mesmo, só posso concluir que eu estaria cometendo um mal ao abri-la. Ou que você estaria cometendo um mal ao deixá-la ser aberta.”

Então, seguindo seu raciocínio, não se deve ter filhos por medo de que eles possam praticar o mal? Mais ainda, deve-se desejar a destruição de toda a Criação para que nenhum ato maligno jamais ocorra? Onde se traça tal linha divisória que impedir o mal não sufoque o bem, Lázaro? “Entre as boas e as más ações, e as suas intenções”, respondeu ele.

“No entanto, como afirma a sua fé, as consequências dos meus atos recairão sobre a minha cabeça, e não sobre a sua. Portanto, você só poderá ser responsabilizado por abrir uma caverna — um ato que não é nem mau nem bom.”

Lázaro lançou a gema no chão da caverna. "Serei responsabilizado por ajudá-lo. Eu o farei." Não quero seus presentes. Peço apenas que me deixe em paz.

Ela colocou as mãos na cintura pálida e o encarou com raiva. "Bem, não posso me obrigar a atender ao seu pedido, Lázaro; não depois de ver o que se passa na sua mente. Parece que você prometeu a um homem santo, Nicolau, transportar um frasco de sangue consagrado pertencente a outro homem santo, Odino. E você deveria entregar esse sangue a um terceiro homem santo, Salvitino, que reside em um mosteiro na Itália. No entanto, em uma reviravolta estranha e fatídica, esse sangue de alguma forma caiu sobre você, e agora aqui está você, ressuscitado dos mortos. Eu também acho que sim." É uma grande coincidência que tal acontecimento ocorra por puro acaso, especialmente após o transcurso de mais de três estações. Infelizmente, como você não se lembra de como aconteceu, permanece um mistério para nós dois.

“No entanto, também fiquei sabendo, por meio de seus pensamentos, que você conhece outro dos meus filhos Eljo, Naramsin; corrompido pelos mesmos homens santos insensatos que corromperam você.” De fato, você é muito parecido com ele, trabalhando ao lado de homens, adotando sua fé, deveres e costumes como seus. E ambos fizeram isso com um anseio insensato de que talvez eles os vissem como eles o suficiente para aceitá-los como um deles. Ah, sim, os dois. Vocês poderiam ter sido irmãos gêmeos; e se não tivessem o nome de Lázaro, eu diria que vocês são Naramsin, ressuscitado.”

Recordando o último testemunho escrito de Naramsin, Lázaro questionou-a: "Por que você não ajudou a libertá-lo? Eles o aprisionaram além de um muro."

Ela deu uma risadinha. “O destino me serviu bem. Veja bem, se eu tivesse ajudado a libertar Naramsin, ele jamais teria escrito as palavras que agora estão gravadas em sua mente.” Ela se aproximou e, com um sorriso, dirigiu-se a ele em língua estrangeira: “*Eca tinum mi turnum ruva fler. Eca shuthi tularn zuchum.* O que essas palavras significam para você, Lázaro?”

Lázaro respondeu: "O clérigo Naramsin escreveu essas palavras; naquele dia, ele deu um presente ao seu irmão, e a cripta continha essas palavras."

"E aquele *irmão* que recebeu o presente era *você* , não é? Diga-me, Lázaro, como *você* sabe que estas palavras significam o que *você* está dizendo?"

"Tenho certeza do seu significado — contudo, não sei como sei disso."

"Então eu lhes direi como. Assim como Naramsin, *vocês* conhecem o significado deles porque eles são os Palavras da minha espécie — a linguagem dos Anjos. *Vocês* as conhecem porque *vêm* da minha linhagem semente. Como qualquer Eljo, *você* nasceu conhecendo a língua angelical, só que *você* nunca soube disso até ver estas palavras. E se *você* não tivesse aprendido a língua dos homens — se *você* tivesse convivido com outros da sua espécie — *você* falaria sua língua materna.

Ela ergueu a gema roxa e examinou suas múltiplas faces enquanto se dirigia a Lázaro. "Você pode ajudar sua mãe a conquistar a liberdade, querido. Precisarei da sua ajuda." Ela jogou a gema, apanhou-a novamente e lançou-lhe um sorriso astuto.

"Mas *você* já é livre", afirmou ele.

"Na verdade, não. *Você* vê apenas uma mera sombra de mim; estou diante de *você* apenas em espírito. Meu verdadeiro Eu reside do outro lado de um *Grande Selo* , um portal que *você* abrirá para mim. *Você* leu disso em livros apócrifos."

Os escritos apócrifos falam de um Grande Selo — para o *Grande Abismo* . No entanto, se a Pedra do Portal da Abadia for esse selo, então ele já está aberto.

Lucifael informou-o: "É apenas uma parte. Dois estão abertos; ainda há um terceiro. Três selos compõem o Grande Selo e os três devem estar abertos ao mesmo tempo. Enquanto o último estiver fechado, eu permanecerei aprisionado. E já que *você* está do outro lado deste portão, *você* detém a chave para a minha liberdade."

Ele se lembrou da prisioneira nas catacumbas. Lázaro se afastou dela. "Não vou ajudar." *você* ."

"Ah, sim", ela o seguiu enquanto ele se retirava para o interior da caverna. "Ao ler as páginas de Naramsin, *você* aprendeu cada encantamento, cada verso e cada palavra inscrita nos próprios selos que me mantêm cativa. Um conjunto específico de

Esses versículos, quando recitados na ordem precisa, abrirão qualquer um dos três selos. Preciso apenas lhe dizer quais versículos e a ordem correta para que *você* abra o último selo."

Era isso que *você* pretendia ao me pedir para remover uma pedra e abrir uma caverna — a pedra é outra Pedra Portal e a caverna é o Inferno." Lázaro recuou para um recesso rochoso. "E isto

É por isso que você não pode fazer isso sozinho.” Ele balançou a cabeça nervosamente. “Entreguei minha vida a Deus. E também dei minha palavra de que viajarei para a Itália e buscarei Frei Salvador—”

“Oh, sim! Você irá para a Itália, pois o terceiro selo está dentro da catedral do próprio mosteiro onde você prometeu buscar este santo homem. No entanto, em vez de buscá-lo, eu lhe ordeno que abra este último selo para mim. E, como sua fé exige, você deverá Honra tua mãe obedecendo aos meus mandamentos.”

Lázaro gaguejou, tentando explicar o mandamento ao qual ela se referia: " Honrar tua mãe... Deus quis dizer... o que isso significa..."

Ela o interrompeu. “Muito bem, Lázaro. Você desenterrou uma verdade. Contudo, ao fazê-lo, agora se encontra em um dilema, já que não pode honrar sua mãe e desonrar o Diabo ao mesmo tempo, não é mesmo? E isso só pode significar que as palavras que você recita não eram para você. Simplesmente, você não é um homem e não tem alma com a qual negociar. Você é um Eljo — mera besta. E como qualquer besta da terra, seu *Só há tempo — agora.*”

Ele se defendeu. “Talvez, mas não abandonarei minha fé simplesmente porque me falte uma alma. E com minha fé em Deus Todo-Poderoso, me torno mais forte do que um animal — e Não te honrarei como mãe quando até uma fera demonstra mais cuidado por seus filhotes.”

Lucifael abriu as asas de repente e se inclinou para ele, com as presas em seu rosto, rosando: "E eu o matarei, se você não me obedecer! Você não tem nada a ganhar ou a perder, a não ser a própria vida." E para você, a vida é tudo o que você tem! É a sua eternidade!" Ela fechou as asas com um estalo e lhe deu espaço.

Ela suavizou o tom de voz. “Quero que você use as palavras de Naramsin para abrir o selo em Canello. Faça isso por mim e eu lhe darei a vida eterna — carne sem fim. Com ela, você terá tudo o que qualquer alma poderia lhe oferecer — um mundo de vida eterna. Este é o meu pacto com você: tudo o que uma alma imortal poderia prometer a um Eljo. Abra-o, Lázaro — viva para sempre.”

Ele engoliu em seco e buscou nas profundezas escuras da gruta uma resposta pronta — no entanto, apenas a escuridão o encarava, tão vazia quanto o olhar de sua mãe.

“Se você me rejeitar, Lázaro, não me restará outra alternativa senão matá-lo, aqui e agora. E eu realmente não quero isso.” Ela cruzou os braços e olhou para o rosto dele com ternura.

Ele baixou a cabeça. Suspirou pesadamente e engasgou: "Eu... isso está errado... eu não posso."

Lucifael se virou, mas girou em torno de si mesma, os olhos como adagas de ébano. Ela passou as unhas negras pelo ar entre eles como se estivesse abrindo um corte. "Chega de você!" Ela lançou um olhar fulminante para trás e resmungou: "*Veni, vita ad vitam. Altera pars facta.*" E, instantaneamente, os guinchos estridentes de um porco envolveram a caverna. Lázaro cambaleou ao descobrir seu javali, outrora morto, debatendo-se como um peixe fora d'água. A besta reanimada se ergueu e, desajeitadamente, apoiada em apenas três patas.

Ela gritou para ele por cima dos resfolegos e da respiração ofegante do javali: "Um tolo em fé tola cai apressadamente em seu túmulo! Como agora você cairá, Eljo!" Atônito, Lázaro observou o javali mancar em direção a Lucifael, com o quadril faltando e líquidos brilhando em uma grande cavidade. que antes sustentava sua parte traseira. Ofegando pesadamente, parou diante dela e olhou para cima, seu olhos lacrimejando.

Ela corrigiu o animal: "Suas dores não são por minha causa, porco!" Apontou um dedo acusador para Lázaro: "Aí está! Foi o Eljo que abriu seu traseiro!" O javali se virou para Lázaro, os olhos fixos nos dele, como se talvez tivesse percebido sua situação embaraçosa e buscasse uma explicação. No entanto, Lázaro permaneceu sem palavras, a cabeça girando, o estômago revirando. Ele desviou o olhar.

"Não! Olhe para ele!" berrou Lucifael. "Veja-o sofrer! Você roubou a perna dele!" Lázaro deu uma olhada rápida e viu o javali pulando em círculos, choramingando, como se insistisse em exibir toda a sua condição deplorável. Ele parou por um instante e o encarou. Finalmente, a besta começou a engasgar e a urinar, o que fez Lázaro desviar o olhar daquela cena perversa. Ele murmurou para um Lucifael com um sorriso irônico: "Você só usa um engano. Não é real."

Lucifael contornou o javali e aproximou-se dele, resmungando: "Oh, é bem real, Lázaro; tão fiel à sua forma, ainda com o sangue quente e sofrendo como no momento em que o mataste. E ele deseja..." Para saber por que você roubou a perna dele — por que você o matou." Ela parou diante dele. " Não roubarás; não matarás. Lembra-te destas coisas?"

Lázaro se defendeu: "Você distorce o significado deles. Os Mandamentos não se aplicam aos animais."

O javali resmungou com um chiado enquanto ela o repreendia. "Foi você quem distorceu o significado delas! Não foram essas as mesmas palavras que você disse a um homem santo depois que ele perseguiu um rato por um túnel? E você não se sentiu divino por ter jogado o balde e salvado aquele rato?" Lázaro recusou-se a responder.

"Confessai a verdade; não vistes aquele homem santo como talvez algum grande demônio?"

Desferindo sua fúria contra um rato inocente e insignificante? E você não se imaginou naquele momento como aquele rato, perseguido por um demônio gigante que pretendia matá-lo simplesmente por considerá-lo ofensivo — feio e até mesmo ímpio? Lázaro franziu a testa, fingindo estar confuso, e olhou além dela para ver o que estava acontecendo. o javali de três patas olhando fixamente para ele.

"Claro que sim", afirmou Lucifael calmamente, "como sua mente já me confessou ." Ela jogou as mãos para trás e ajeitou as asas.

"Você se mantém firme em sua fé; contudo, tal certeza o torna completamente inútil para mim. Sem dúvida, buscarei outro para abrir o Selo Cancelló. Além disso, não permitirei que você seja a sua ruína." meus esforços anteriores e a contratação de um frade intrometido para fechar o Selo dos Guardiões."

Ela se virou bruscamente e voltou para o javali. "Infelizmente, às custas de sua mãe , você demonstrou uma lealdade tola a uma fé infrutífera — ainda não vimos uma demonstração de como essa fé lhe serve bem, quando pressionada. E assim, nós veremos."

Da lateral da cabeça, Lucifael arrancou uma grande mecha de cabelo, com uma camada de pele pálida pendurada na raiz. Ela suspendeu a massa emaranhada entre as presas do javali e emitiu Ela ordenou: "Comam dela — a carne do meu corpo, dada a vocês." A besta cheirou, lambeu e então devorou a oferenda ensanguentada enquanto resmungava novamente : " *Veni, vita ad vitam. Altera pars facta.*"

Então ela se virou e lançou um olhar para Lázaro, metade de seu crânio liso e vermelho brilhando, e o informou em muitas vozes: "Ouça-me agora, Eljo. Já que você salvou o rato, justificando-o com sua fé, agora você se tornará o rato. E já que você matou este porco, justificando-o também com sua fé, agora o porco se tornará seu Demônio Gigante. Desta forma, testaremos sua preciosa fé, só que agora, sem obstrução ou ilusão. E em seu momento final, quando estiver despedaçado, você gritará, pedindo Sua fé, por que ela o abandonou? Então você compreenderá, naquele brilho de terror — e com absoluta certeza — que eu sou o Deus deste mundo."

Lucifael deu espaço ao javali enquanto ele se transformava, gradualmente inchando até se tornar uma besta mamute ereta — com presas alongadas, cascos transformando-se em garras de seis dedos e enormes asas ósseas se abrindo amplamente a partir de suas costas.

Completamente ereto, com duas colunas eriçadas no lugar das pernas, o Gigante Suíno se erguia a seis metros de altura na gruta de doze metros. Inclinando um olho negro para baixo, em direção a Lázaro, o Monstro rosnou; sua expressão profunda ecoou por todas as superfícies da caverna. Lázaro

Lázaro lançou um olhar para a entrada da gruta e o Gigante respondeu, avançando a passos largos em direção à abertura, bloqueando toda a fuga. Lázaro sibilou e recuou para as sombras, com as orelhas achatadas como as de um gato encurralado.

E, parada no centro da caverna, Lucifael lançou olhares fulminantes entre eles. Ela riu, girou nos calcanhares e caminhou em direção a uma parede mais profunda da caverna, gritando para Lázaro enquanto caminhava: "Sua fé agora está sendo posta à prova!" Ela desdenhou de sua cruz de oração: "Talvez você pudesse brandir essa árvore infrutífera e sem raízes contra ela!" Novamente, o Gigante rosnou, como se quisesse enfatizar o humor diabólico.

Ela parou junto à parede da caverna, virou-se e dirigiu-se a Lázaro pela última vez: "Se eu não tivesse sido quem te deu a vida, por pura insolência, certamente apreciaria a tua morte!" Canello aguarda e ainda tenho um último selo para abrir!" E num zumbido crescente como um enxame de gafanhotos, Lucifael se fundiu à superfície da rocha, deixando seu Lázaro a lamentar seu destino.

Lázaro olhou na direção de onde ela havia partido e viu o Gigante Suíno empunhando uma enorme pedra acima da cabeça. O Demônio a arremessou contra ele. Lázaro mergulhou de lado no chão da caverna enquanto a rocha veloz passava zunindo por cima dele e explodia contra a parede. Em meio a uma chuva de pedras, Lázaro rolou de pé e correu pela parte de trás da caverna, subindo por um dos lados e ultrapassando o fogo. Ali, agachou-se, com os pés afastados, curvado e pronto para escapar, mas o Gigante já se virara para ele, aguardando o ataque de Eljo — tarde demais.

Psss! Ao lado da fogueira, no topo do círculo de pedras, uma gota de guano caiu e crepitou sobre uma pedra chamuscada. Lázaro lançou um olhar furtivo para o teto coberto de morcegos, depois voltou o olhar para o fogo. Lentamente, abaixou-se e retirou um galho ainda em chamas. E o Gigante rosnou baixinho, estendendo as garras. Mesmo assim, ambos permaneceram imóveis, olhares fixos um no outro, talvez antecipando qualquer movimento iminente.

Lázaro saltou, abrindo as asas enquanto subia em linha reta. O Gigante avançou com um estrondo, desferindo um golpe com sua garra monstruosa, que roçou sua coxa.

"Grito!" Lázaro soltou um grito penetrante enquanto circulava o teto da caverna, lançando as chamas da tocha contra ele e lançando todos os morcegos em um redemoinho que rapidamente engolfou a gruta. Morcegos passaram em massa pela besta, afogando-a e cegando-a com uma enxurrada de asas batendo. O Monstro rugiu, atacando-os quando Lázaro mergulhou no meio do bando e passou a tocha flamejante entre suas presas. E no caos instaurado, ele mergulhou disparado lateralmente através do grande arco eriçado de suas pernas, atravessou a estreita saída.

passagem, onde ele se apressou para chegar à entrada da caverna.

O Gigante Suíno girou e investiu contra ele, uivando, abrindo caminho pela entrada da gruta e alargando-a com suas presas agitadas. Em uma chuva de pedras, o Demônio irrompeu da passagem da gruta e saiu em disparada pela Boca da Montanha. Ao avistar Lázaro em voo, abriu um par de asas monstruosas e se lançou em direção às estrelas, cada forte golpe descendente de suas asas derrubando bandos inteiros de morcegos em fuga.

Lázaro olhou para trás e viu o Gigante subindo apressadamente atrás dele.

Mais rápido, ele subiu — cada vez mais alto — até que os detalhes acidentados da paisagem se suavizaram em um manto infinito de terra. Mesmo assim, o Gigante Suíno avançou; Lázaro agora conseguia ver detalhes em seu rosto horrendo. Por fim, o ar ficou gelado e seus pulmões arderam. Lázaro se estabilizou, ofegante, com os olhos lacrimejando pela dor nas costas e nas asas. Ele lançou mais um olhar furtivo para ver o Gigante quase sobre ele, golpeando seus calcanhares com as garras.

Lázaro recolheu as asas e mergulhou num ângulo íngreme, inclinando-se quase trinta graus abaixo do horizonte sudeste. Com os olhos cerrados, os dentes cerrados e as asas sangrando, ele despencou em direção ao céu. Sua velocidade aumentou, os ventos rugiram e o ar cortante lhe queimava a pele — Lázaro era uma estrela em queda livre.

Em meio a ventos impetuosos e cortantes, ele finalmente reduziu a velocidade e abriu os olhos — no meio *das copas das árvores!* Lázaro abriu as asas e subiu, ainda avançando em disparada entre os galhos emaranhados de dois enormes carvalhos gêmeos, cujos galhos mais leves o golpeavam com cortes e contusões. Ele escapou para uma altitude segura e descobriu que o Gigante Suíno não passava de um pontinho. No horizonte noroeste, na mesma altura que ele, pairando logo acima das copas das árvores. Mais uma vez, Lázaro ascendeu aos céus. O ponto subiu com ele. Mais uma vez, ele mergulhou num uivo ensurdecedor. Finalmente, seu predador, gerado pelo próprio diabo, havia desaparecido.

E por mais uma hora, ferido e sangrando, ele voou para sudeste, até encontrar o rio que ele recordou dos mapas da Abadia: o rio Ródano, que desaguava no Golfo de Leão e o oceano. O Ródano era seu ponto de referência — a própria estrada que o levaria à Itália. Ele virou à direita e seguiu a faixa vítrea e sinuosa em direção ao sul.

Mais uma hora se passou enquanto uma fina linha vermelha rasgava o horizonte leste — o amanhecer finalmente chegara. Em sua pele aquecida, ele sabia que o gigante de todos os demônios — aquele sol escaldante e selvagem — logo reivindicaria os céus. Assim, Lázaro mergulhou rente ao chão, buscando nas terras a oeste do rio qualquer abrigo robusto que pudesse protegê-lo do

a tempestade de luz que se aproxima.

Por fim, ele a encontrou: uma fenda estreita talhada na lateral de uma crista. Acendeu a chama diante do buraco e deslizou para dentro, descobrindo uma caverna que se alargava em uma grande cavidade — um santuário mais do que suficiente para protegê-lo dos raios mortais do dia . Cambaleando em direção ao fundo da cavidade, caiu de joelhos. Com câibras, suando e sangrando, desabou no chão da caverna, mergulhando em um sono de completo esgotamento.

Um pastor cuidava de suas ovelhas a uma curta distância; porém, ao avistar uma criatura alada, viu Um homem desceu dos céus ao amanhecer e entrou furtivamente na caverna; ele ofegou, largou seu cajado e fugiu a passos largos.

O dia chegou e passou, e os últimos raios vermelhos do crepúsculo se dissiparam quando Lázaro saltou de pé, orelhas abaixadas, recuando para o fundo da caverna enquanto sibilava para três cães latindo que se esticavam nas coleiras. Seu dono, um soldado corpulento e barbudo, entrou logo atrás, apoiando-se nas cordas de couro. Outro homem entrou ao seu lado, empunhando uma tocha. Novamente, Lázaro sibilou para as feras, que se debateram, quase guinchando em vez de latindo. Ao avistar Lázaro, o portador da tocha gritou para um mar de tochas que se movia do lado de fora da caverna: “Encurralamos! Preparem suas armas! Garantam a entrada!” Tochas farfalhavam no ar noturno.

Um terceiro soldado inclinou-se para dentro, berrando por cima do caos: "Tirem esses malditos cães latindo daqui!"

O soldado corpulento os conduziu para fora através das tochas que se afastavam, enquanto outra voz gritava em meio à confusão: "Informe meu senhor que encurralamos o Diabo! Depressa!" “*Sim, sargento*”, veio a resposta.

Lázaro aguçou os ouvidos ao galope de um cavalo que se afastava apressadamente. E tudo ficou em silêncio, exceto pelos sons dos soldados se movimentando e das tochas crepitando. Então, um cavaleiro de armadura, com o elmo na mão e a espada desembainhada, entrou na caverna. Uma fileira de besteiros entrou logo atrás, alinhando-se contra a parede da frente, com seus virotes apontados para Lázaro. O cavaleiro deu ordens em um sussurro áspero: “Mantenham suas armas apontadas para o Diabo. E não atirem em mim na cabeça.” “Voltar.” Ele se virou para Lázaro e avançou lentamente, brandindo sua espada.

“**Você fala?**”

Lázaro endireitou-se. "Você me chama de *Diabo* e depois pergunta se eu posso *falar?*" Ele jogou o cabelo para trás: "Eu não sou o Diabo e, sim, eu posso falar — e ler — e escrever." O cavaleiro baixou a espada.

Você prefere ser chamado pelo título ou pelo nome?

“Senhor Lázaro Gogu da *Abadia dos Guardiões*. Estou apenas de passagem”, disse ele. “Você vem sozinho? Poderia haver outros como você — alados e dentuços como você?”

Lázaro permaneceu em silêncio.

“Então é Lázaro”, disse o cavaleiro. “Diga *-me, escudeiro*, foram seus demônios que trouxeram a grande pestilência às terras?”

“Eu não sou o Diabo, e não sou *um* demônio. E se me permitirem passar, ficarei grato e gentilmente deixarei sua caverna e suas terras.”

Ele apontou a espada para Lázaro. “Se avançares contra os meus homens, ou tentares fugir, atravessareis o teu corpo com a espada.” Virou-se bruscamente, instruindo o seu esquadrão: “Tenham certeza disso.” O cavaleiro saiu da caverna enquanto os seus arqueiros miravam em Lázaro com precisão letal.

Um soldado maltrapilho entrou na caverna com uma longa adaga desembainhada, prosseguindo com sua ameaça: “E depois, vamos te retalhar em pedacinhos não maiores que bolinhos de carne.” Ele advertiu Lázaro. Com um giro de sua lâmina. “Agora sente-se, demônio!” Lázaro sentou-se confortavelmente enquanto ouvia um arqueiro sussurrar para o outro: “Olha só — em carne e osso — o próprio Diabo!”

Quando o soldado se afastou, o portador da tocha aproximou-se de Lázaro e dirigiu-se a ele: “Fiquem quietos ou serão mortos. Vou observá-los melhor.” Ele ergueu a tocha bem alto, iluminando toda a cidade de Lázaro, e os homens murmuraram em reverência.

“Então você é o Diabo, é?”, perguntou o homem da tocha. “Eu o imaginei um pouco mais feroz — com fogo saindo dos olhos, chifres ensanguentados e até mesmo uma longa cauda farpada.” Ele se virou para os camaradas e deu uma risadinha por causa da falta de dentes, e eles responderam da mesma forma — com risinhos nervosos.

Um deles gritou: “Mandem ele abrir a boca! Ele tem dentes de cachorro e pode devorar seu coração com uma só mordida!”

“Abra a boca.” O portador da tocha inclinou-se para mais perto e abriu a boca cheia de dentes em sinal de aprovação. “*Ahhh.*” A fileira de arqueiros inclinou-se para a frente para ter uma visão melhor.

No entanto, Lázaro simplesmente os dispensou com a testa franzida.

Então um dos arqueiros gritou: “Afastem-se dele! Ele lançará um feitiço sobre vocês — ele nos atingirá a todos com uma pestilência!”

Surpreendido, talvez pela afirmação do arqueiro, o portador da tocha agiu como se Lázaro o tivesse mordido, lançando a chama contra ele enquanto se afastava às pressas. As armas dos soldados se moveram e, em Talvez a uma distância mais segura, ele condenou Lázaro: “Somos homens de Deus Todo-Poderoso! Seus poderes estão limitados em Sua presença!” Cuspiu no chão. Novamente, os homens murmuraram enquanto se tocavam apressadamente na marca da cruz. Lázaro baixou o olhar para a saliva do homem com a tocha e os ignorou.

Sem a caverna, os soldados se revezavam enfiando a cabeça para dentro, curiosos para observá-lo.

Por fim, Lázaro ouviu o bater dos cascos de um cavalo sendo freado, com o tilintar das correntes marcando um ritmo.

Uma voz abafada gritou: "Saíam da frente! Abram caminho!" As tochas se abriram quando três homens entraram na caverna, carregando grilhões de prisioneiros. Lázaro se ergueu lentamente, assim como a fileira de bestas. Uma vez lá dentro, eles largaram a pilha de correntes no centro da caverna, diante de Lázaro.

O cavaleiro, ainda segurando o elmo debaixo do braço, avançou e deu instruções a Lázaro; "Essas algemas servem para te prender. Ou você as aceita ou será morto aqui mesmo. Deixe sua escolha clara." As armas, impacientes, se moveram.

Lázaro respondeu: "E se eu aceitar, vocês me matarão, pois podem, alegando que sou o Diabo, capturado. E se eu recusar, vocês me matarão, pois recusei, alegando que sou o Diabo, morto."

O cavaleiro respondeu: "Estas ordens não são minhas. Vêm do meu senhor, *Ceryce d'Alcicourt, Conde de Languanaise* e senhor destas terras. Ele deseja uma audiência convosco, mas apenas se aceitardes ser contidos na sua presença. Além disso, ele ordenou que nenhum mal vos aconteça. O cavaleiro aproximou-se e talvez sua voz tenha assumido um tom mais de súplica genuína: "Meu senhor é justo; sua palavra é vinculativa." Ele envia estas palavras: "Se você o ajudar com algo simples, uma de suas... habilidades, então estará livre para ir."

"Que mal é isso?", questionou Lázaro.

"Meu senhor não diz nada. No entanto, ele deseja falar com você agora. Permita-nos impedi-lo de falar?"

Lázaro relatou as histórias de *Naramsin* e do *Pobre Homem em Cristo*. E, ao recordar, *Naramsin* tinha fé na promessa de liberdade do Conselho, enquanto o *Pobre Homem* acreditava que nunca se considerara verdadeiramente preso. Ao que lhe pareceu, a fé custou a vida de ambos — talvez por não terem mantido a fé por respeito a si mesmos. No entanto, Lázaro agora se encontrava diante de uma pilha de correntes, talvez num momento em que algo mais do que a mera fé pudesse determinar seu destino. E com um fio de razão, uma montanha de dúvidas e uma montanha de...

Confiante, ele se humilhou, permitindo assim que os soldados o acorrentassem.

Contudo, horas antes, ainda em plena luz do dia, enquanto Lázaro dormia no chão da caverna, a notícia da captura do Diabo espalhou-se pela terra tão rapidamente quanto uma cruzada fulminante, e a história tornava-se cada vez mais fantástica a cada vez que era contada. O último de muitos rumores era que Satanás fora descoberto numa caverna, sugando os corações de sacerdotes mortos, e uma centena de outros homens.

Homens caíram antes de o capturarem — antes de o impedirem de desencadear uma grande pestilência sobre as terras.

Uma multidão de servos livres e contratados, soldados, sacerdotes, mulheres e crianças afluía diante dos portões do castelo de D'Alcicourt. Muitos escribas papais vieram registrar a história, para que a posteridade a contasse com precisão. E sob um céu estrelado, todos se reuniram; jovens e velhos, ricos e pobres, justos e injustos, para contemplar o Diabo, *Rei dos Demônios*.

Poderia parecer que o próprio Satanás finalmente enfrentaria o castigo por todas as suas maldades. ato contra a Criação.

[Fim do Capítulo 13]



Esta obra literária foi criada e exclusivamente em dedicação de

Edgar Allan Poe (1809-1849)

— Que seu legado viva em todos nós —



~[GothicNovel.Org](https://www.gothicnovel.org)~